

Comunicação de Ana Maria Gaspar, representante da Secretaria Geral do Ministério das Finanças na Conferência 10 Anos do Koha em Portugal – 18 de maio de 2017

A implementação do *software* Koha na Biblioteca Central do Ministério das Finanças prende-se directamente com um projecto denominado de Catálogo Central das Bibliotecas e Centros de Documentação do Ministério das Finanças.

Existiam várias bibliotecas e centros de documentação nos vários organismos dependentes do Ministério das Finanças, alguns mesmo localizados no edifício da Praça do Comércio e, desde muito cedo, houve a intenção de criar um catálogo central que contivesse a informação integrada das diferentes publicações existentes nesses serviços de informação.

A intenção era reunir e sistematizar a informação, e desse modo, prestar um melhor serviço ao utilizador, uma vez que este podia ser encaminhado entre serviços, sempre que o organismo a que se dirigia não possuísse no seu fundo documental a publicação pretendida. Além disso, o Catálogo Central permitiria racionalizar recursos financeiros, patrimoniais e humanos.

Este projeto foi sedimentado com o disposto na lei orgânica da Secretaria-geral publicada a 12 de Novembro de 1998, uma vez que atribuía à então Direcção de Serviços de Documentação e Informação a tarefa de *“promover a organização e gestão de um catálogo central das publicações existentes nos centros de documentação e bibliotecas do Ministério”*.

Podemos, agora, considerar esta visão como bastante inovadora à data da sua publicação.

Assim, logo em 2001 foram contactados todos os departamentos, nomeados os seus representantes e realizadas algumas reuniões com vista a apurar a situação de cada serviço no que respeitava ao tratamento documental e ao grau de informatização dos respectivos catálogos.

No entanto, por dificuldades várias este projecto não avançou. Como todos sabemos projectos desta natureza são sempre complexos e morosos pela quantidade de participantes e pelas realidades específicas de cada organismo. Este projecto não foi excepção e caracterizou-se por avanços e recuos que se prologaram no tempo muito mais que o desejável.

As assimetrias no grau de desenvolvimento tecnológico foram um dos constrangimentos mais sentidos, seguido de um outro impedimento igualmente muito comum: o financeiro. Os serviços não possuíam disponibilidade financeira para contribuir para a aquisição de um *software* de gestão de bibliotecas obrigatoriamente com elevadas potencialidades e capaz de gerir uma tão grande quantidade de dados.

As vantagens do Koha para o Catálogo Central (2008-2012)

Foi então que surgiu o *software* livre Koha, com a vantagem acrescida de se encontrar em funcionamento num organismo da tutela do Ministério das Finanças, o então Instituto de Informática, representando assim um enorme benefício para ultrapassar os obstáculos financeiros, bem como os tecnológicos.

Além dos aspectos financeiros – nomeadamente os baixos custos de parametrização e a ausência de avultados contratos de manutenção –, existiam outras vantagens sobejamente reconhecidas, das quais se podem destacar:

- a possibilidade de parametrizar a base de dados para receber registos de diferentes proveniências, mantendo a individualidade dos mesmos e possibilitando aos utilizadores optar por pesquisar em tudo ou apenas nos registos de um determinado serviço;
- a hipótese de ultrapassar, durante a migração, os constrangimentos decorrentes da duplicação de registos de obras com o mesmo título existentes nas diferentes bibliotecas,

através da possibilidade de acrescentar apenas os exemplares de cada biblioteca, devidamente identificados com a propriedade, o que facilitaria muito a consulta do utilizador.

Finalmente, entre 2011 e 2012, o projeto Catálogo Central sofreu enormes avanços, uma vez que todos os organismos colaboraram, os registos foram migrados, a parametrização do *opac* permitia numerosas opções de pesquisa. Chegou mesmo a ser criado um portal para alojar o *opac* e conter ainda outras informações sobre cada um dos serviços de modo a orientar os utilizadores.

Porém, após tantos anos, quando o projecto Catálogo Central estava prestes a ser divulgado publicamente, foi dado cumprimento a um conjunto de medidas inscritas no *PREMAC – Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado* – que, propondo-se modernizar e racionalizar a administração central do Estado, reduziu substancialmente as estruturas orgânicas. Nesta redução foram incluídos alguns dos serviços do Ministério das Finanças que integravam o Catálogo Central das Bibliotecas e Centros de Documentação.

O Koha em Cabo Verde

Simultaneamente, entre 2008 e 2011, a Secretaria Geral do Ministério das Finanças esteve envolvida num projecto denominado Picatfin – *Programa Integrado de Cooperação e Assistência Técnica em Finanças Públicas* – estabelecido entre os ministérios das Finanças de Portugal e de Cabo Verde, que determinou a assistência técnica de Portugal a Cabo Verde em diversas áreas, incluindo a da biblioteca e do arquivo.

Os técnicos da Direcção de Serviços de Arquivos e Documentação colaboraram neste projecto na área da biblioteconomia com a criação de um Centro de Documentação no Ministério das Finanças de Cabo Verde, onde foi escolhido o Koha como *software* de gestão biblioteconómica.

O Koha provou estar à altura do ponto de vista técnico, sendo de realçar o facto do acesso à administração do programa poder ser feito remotamente, via *web*, o que se manifestou fundamental uma vez que os bibliotecários da Secretaria Geral, a partir de Lisboa conseguiram resolver todos os problemas que ocorriam, lá longe, na cidade da Praia e separados por um imenso oceano. Convém recordar que naquela época nem todos os programas possuíam esta capacidade, ou seja, o acesso estava limitado ao local onde se encontrasse instalado o *software*. O Koha foi pioneiro nesta particularidade.

O Koha na Biblioteca Central (2014-2015 – parametrização)

Contudo, se o projeto do Catálogo Central tinha deixado de fazer sentido, o Koha não tinha perdido actualidade para a Biblioteca Central do Ministério das Finanças.

Não fazia sentido que se perdesse todo o trabalho já desenvolvido com o Koha. Até porque, devido ao PREMAC algumas bibliotecas/centros de documentação que faziam parte do projecto Catálogo Central tinham sido extintas e a sua documentação integrada nos fundos da Biblioteca Central, como foi o caso das bibliotecas do Instituto de Informática e da DGITA, entre outras.

A Biblioteca Central é uma biblioteca especializada em economia, finanças, administração pública, direito, com diversas tipologias documentais desde as comuns monografias, as publicações periódicas, e material não livro até outras mais específicas nomeadamente *working papers*, coleções e os fundos documentais provenientes de serviços extintos. Com isto pretendemos referir que se estava perante um conjunto de dados com muitas particularidades. O processo de parametrização e definição de todas as funcionalidades foi bastante moroso. Foi adjudicada a prestação de serviços a uma empresa que na altura não tinha ainda muita experiência com o Koha e o trabalho desenvolvido connosco representou,

nas palavras dos seus técnicos, um enorme desafio, tendo-lhes dado um profundo conhecimento do programa para futuros clientes.

Aos técnicos da Biblioteca Central coube também um papel muito importante, com tarefas minuciosas que necessitaram ser executadas com rigor:

- definir com precisão e rigor o caderno de encargos, contemplando os mais ínfimos pormenores;
- trabalhar antecipadamente os dados a serem migrados, para eliminar ao mínimo a margem de erro, verificando, por exemplo, se existiam duplicações nas tabelas de autoridade; se faria sentido migrar os registos de publicações periódicas que já não existiam na colecção, por forma a eliminar todo o possível ruído;
- efetuar testes e um minucioso controlo de qualidade com vista a validar a exatidão dos dados migrados e das funcionalidades exigidas.

Neste aspeto consideramos determinante que o *software* responda positivamente, e o Koha enquanto *software* livre e em contínuo desenvolvimento, respondeu sempre a todas as nossas pretensões.

Temos a perfeita noção que fomos exigentes, mas por muito exigente que fosse o nosso pedido e mesmo que uma determinada funcionalidade nunca tivesse sido inicialmente prevista, foi sempre possível obter o seu desenvolvimento à nossa medida, satisfazendo dessa forma todas as nossas necessidades.

E aqui cabe-me destacar o papel da Dra. Sónia Pinheiro que, de uma forma sistemática, persistente e, por vezes, até obstinada, nunca deixou escapar qualquer aspecto que considerava indispensável ao funcionamento do programa.

Consideramos que não podemos deixar que o *software* que estamos a adquirir nos condicione ou imponha alterações significativas ao nosso modelo de gestão. Se mudamos deverá ser sempre para melhor.

Por isso, hoje podemos afirmar que o Koha responde cabalmente a tudo o que necessitamos e consideramo-nos bastante satisfeitos com a escolha que fizemos.